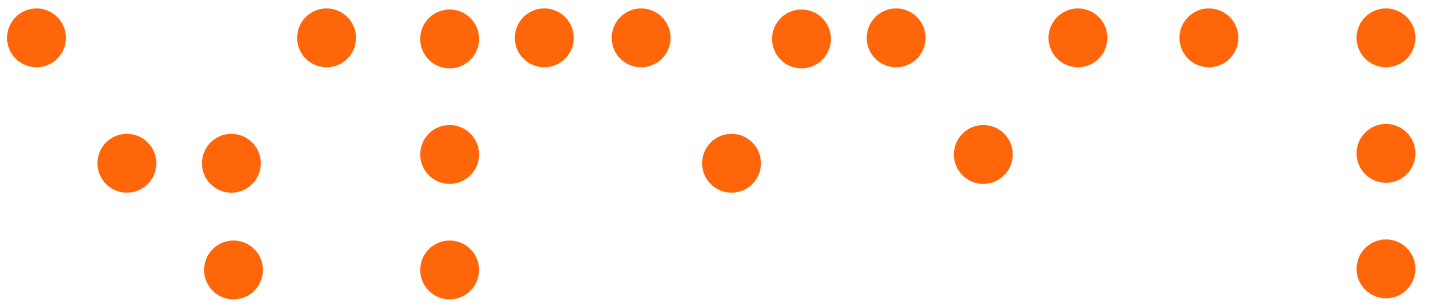


Michel Gorski



Um turista especial

Com determinação e bom humor, o educador e comunicador Beto Pereira apura os sentidos e sai todos os dias de Jundiaí para o mundo

Michel Gorski



Quando chega na sua estação de trabalho e liga o computador, Beto Pereira já usou vários meios de locomoção e passou por muitas outras estações. Foi de carona para a estação rodoviária de Jundiá, veio de ônibus a São Paulo até o terminal rodoviário do Tietê, caminhou até a estação do metrô, fez a conexão na estação Sé para a estação Marechal Deodoro, afluente à superfície e caminhou até a Laramara, instituição de apoio a deficientes visuais, onde trabalha com tecnologia assistida. “Quando nos acostumamos com o caminho, com o

percurso, o hábito acaba permitindo uma agilidade”, diz Beto com tranquilidade. São 140 quilômetros percorridos a cada dia até chegar de volta em casa, por volta das 10 da noite.

Se alguém pensa que depois dessa rotina semanal o rapaz de 30 anos quer mais é ficar em casa, descansando, engana-se. Além de aulas e palestras, aos sábados, Beto, que estudou rádio e TV, produz e apresenta o talk show “Encontros Difusora”, na Radio Difusora de Jundiá. Abre os programas dizendo: “O alto-astral e o otimismo estão no ar”. Daí para a frente são duas horas cativando os ouvintes com entrevistas, músicas e informações.

Beto gosta mesmo é de viajar, não tem preguiça e não deixa passar oportunidades de conhecer novos lugares e pessoas, seja para trabalhar, passear ou namorar. Por terra ou pelo ar, vai ocupando o seu lugar e procurando sempre abrir caminhos para que outros deficientes possam também usufruir melhor as oportunidades que a vida lhes apresenta.

“Acredito muito no desenho universal, não fazer nada só para o deficiente, mas para todos os que necessitam circular”, afirma com conhecimento o especialista em tecnologia associada a equipamentos como computadores, palm tops e celulares. Design universal é o posicionamento, que vem sendo gradativamente adotado, no sentido de garantir acesso a todos. As ações são para que, com pequenos esforços, um mínimo conhecimento prévio e com o uso da intuição, o maior número de pessoas consiga garantir os serviços de que necessita.

Ao descrever seus passeios prediletos, percebemos que Beto é um autêntico cidadão do mundo, que conta com

prazer suas experiências e aventuras turísticas. Mostra conhecimento e sensibilidade especial para o profissionalismo e o tratamento diferenciado, valorizando sempre os bons receptivos, que devem ter qualidade para todos: “O terminal do Tietê, em São Paulo, é uma referência no atendimento personalizado, com estrutura e equipe especializada para ajudar”.

Da mesma forma que para um turista é importante aprender um pouco da língua e da cultura de cada lugar para onde viaja, para se estabelecer um relacionamento básico com os cidadãos que têm necessidades especiais as pessoas devem se preparar, adquirir conhecimentos específicos. Poupar tempo, sempre precioso, deve ser a tônica do relacionamento, profissional ou mesmo voluntário. Para isso é preciso conhecimento da linguagem e do universo com o qual estamos nos relacionando. Boa vontade ajuda e sentimento de pena atrapalha.

As cidades estão mais amigáveis, especialmente as maiores, e quando há um centro de atendimento a cegos na região o ambiente se contagia, tornando-se mais receptivo. “O efeito novela é parecido, mobilizou 80 milhões de pessoas, dos mais diversos níveis e espalhou-se pelo Brasil inteiro”, afirma o radialista, que participou do grupo que prestou consultoria para a novela *América*.

Beto Pereira, com a facilidade que tem para lidar com tecnologia e uso de computador, pesquisa na internet seus destinos antes de viajar. Mas, quando chega no quarto do hotel, inicia uma nova batalha: identificar a voltagem das tomadas, descobrir os procedimentos telefônicos, operar o ar-condicionado e os novos controles remotos da TV. A tecnologia é para facilitar, não para confundir, antes era só ligar ou desligar.

As dificuldades enfrentadas por Beto transformam-se em casos, contados com um humor muito peculiar e envolvente. “Em Belo Horizonte, no aeroporto, queria pegar um táxi para ir a um hotel no centro. Uma senhora, que não sabia nada, tentou me ajudar, mas só atrapalhou”, diz. “Tem também a história do



Pereira posa ao lado dos atores da novela *América*, da Rede Globo

Arquivo pessoal

deficiente visual do Rio que se revoltou por não ter sido assaltado num ônibus, junto com os outros passageiros, e dizia aos berros que era preconceito.”

Beto ainda lembra da vez em que, num restaurante, o garçom perguntou a seu vizinho o que ele iria comer, ao invés de se dirigir diretamente a ele.

O desconhecimento do universo das pessoas com algum tipo de deficiência não tem fronteiras. “Em Buenos Aires”, lembra Beto, “coloquei os sapatos embaixo da cama e a arrumadeira guardou no armário. Liguei para a portaria, pedi para acharem os sapatos e expliquei que não se deve mexer nas coisas dos hóspedes, cegos ou não”. ●

Caminhadas à beira-mar, música ao vivo, massas e vinhos

A atitude de turista é algo que ao Beto não falta. Ele não perde chances de passear e tenta sempre variar os locais que frequenta, mas com firmeza faz exigências de atendimento, visando principalmente aos próximos usuários, afinal ele é um educador: “O deficiente tem de ter tranqüilidade, para não ser indelicado, tem de dar toques”. Falando de seu prato preferido, “massa, de preferência com um bom vinho”, completa: “Será que cardápio em braille é um luxo?”.

Solicitado a dar dicas dos lugares de que mais gosta, Beto não se ateve a uma cidade. Mencionou vários lugares e situações, num bate-bola ao estilo talk show, começando pelo Rio de Janeiro, onde mora sua namorada.



Rio de Janeiro

“Vou bastante a Paquetá, lá tem muita tranqüilidade, comércio e pessoas preparadas e envolvidas, que deixam o deficiente visual à vontade, com atendimento personalizado”, diz Beto, que ainda acrescenta o prazer de caminhar sem problemas nos calçadões do Leblon e de Copacabana. Dos muitos bares cariocas, os destacados foram o Garota do Flamengo e o Império do Chopp, na Glória. O atendimento e o ambiente no passeio ao Pão de Açúcar também foram lembrados e recomendados.

Cabo Frio

“Senti um despreparo do comércio no atendimento em geral e ao deficiente em particular, em Cabo Frio.” Mas uma experiência positiva marcou a passagem aventureira do paulista Beto Pereira no mar da região. Num passeio de escuna para mergulho, o grupo contava com dois deficientes visuais e alguns estrangeiros (eram até da família real da Suécia), entre outras pessoas. E todos mergulharam. “Sei das minhas limitações e tenho facilidade com a natação, quando me afastava demais, tocavam um apito, deu tudo certo e foi ótimo.”

Belo Horizonte

Happy hour no Shopping Cidade, com música ao vivo e ótimos tira-gostos, marcou as passagens de Beto por BH. “Mas as danceterias da cidade também são ótimas”, destaca Beto, que revela mais uma de suas paixões: dançar.

São Paulo

A cidade na qual trabalha, mas pouco passeia, é muito citada, com destaque especial para o bar do Hotel Transamérica, com música ao vivo e muito bom acolhimento. “Fui à Bienal e ao Memorial da América Latina, mas os museus não fazem parte da minha programação, o que não pode ser tocado me atrai menos. Que tal um descritivo da obra em braille ou ter uma pessoa preparada para discutir ou responder às questões, fazendo associações?”, sugere Beto, lembrando que adorou a descrição das imagens de um guia no Obelisco em Buenos Aires. Já as atrações no interior de São Paulo são citadas como exemplo por Beto. Ele destaca a excelência de atendimento no parque aquático Wet & Wild, em Valinhos, e no tradicional Grande Hotel de Águas de São Pedro.